

Padres fora de áreas indígenas

Funai explica a medida

BOA VISTA
AGÊNCIA ESTADO

O delegado da Funai Esmeraldo Neves já está cumprindo a ordem do presidente do órgão, Romero Jucá Filho, de retirar de áreas indígenas onde há conflitos os missionários, garimpeiros e até mesmo índios que não pertençam à nação ianomani. A maioria dos padres foi retirada sem maiores problemas, embora na missão Catrimani tenha ocorrido resistência, disse Neves.

Uma freira conhecida por irmã Florença permanecia até ontem na missão Catrimani, com autorização do presidente da Funai, pelo fato de a religiosa ser a única que falava o idioma ianomani. Mas os policiais concluíram que ela estava "agitando os índios", segundo o comandante da Polícia Militar de Roraima, coronel Santos Rosa, que determinou a retirada da freira.

A operação de transferência começou primeiro nas áreas onde houve brigas entre índios e garimpeiros: Surucucus; Alto Mucajai — onde atuavam missionários da Comissão e da Missão Evangélica do Vale do Amazonas (Meva); e Missão Catrimani — local de atuação dos padres da diocese de Roraima, principalmente os padres Lirios Girardi e Guilherme, que já estão em Boa Vista.

Um grupo de padres hospedados numa das casas da Missão Consolata, na capital, negou-se a falar com os jornalistas, afirmando que qualquer informação só poderia ser prestada pelo bispo d. Aldo Mogiano, que se recusou a receber O Estado. Ele mandou uma secretária dizer que só dá entrevistas "a esse jornal por escrito e com perguntas apresentadas com antecedência".

Durante uma reunião marcada para a manhã de hoje, o secretário de Segurança Pública do território, Menna Barreto, e o superintendente da Funai em Manaus, Sebastião Amâncio, vão discutir a melhor forma para retirar os garimpeiros do Paapiú e de outras áreas indígenas. O comandante militar de Roraima, coronel Joelcio de Campos Silveira, afirmou que "o Exército não está de prontidão, mesmo porque a situação atual está sob controle".

A Funai quer que sejam cortados todos os suprimentos que estão sendo levados por táxis aéreos depois que o juiz de Caracai, José Machado, voltou a conceder liminar aos garimpeiros para que recebam os alimentos que precisam para continuar na área.

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O presidente da Funai, Romero Jucá Filho, confirmou ontem ter determinado a retirada de todos os membros de missões religiosas da região de Macajai, em Roraima, onde se deu o conflito entre índios ianomani e garimpeiros. A medida, conforme explicou, não atinge os missionários que estão trabalhando em outras áreas indígenas da região amazônica, uma vez que a determinação foi motivada pelo clima de tensão em Macajai. "Essa é uma decisão que visa à pacificação no local o mais rápido possível", disse ele.

Romero Jucá afirmou que a solicitação feita ao bispo de Boa Vista, d.

Aldo Mogiano, de não permitir a permanência, em terras indígenas, dos padres Giorgio Dall Ben e Antônio Jorge Lima se deve ao fato desses dois religiosos serem acusados de incitar os índios ao conflito. No caso de Egidio Scheade, funcionário do Cimi, Jucá lembrou que ele havia sido expulso de território indígena no final do ano passado e a nova expulsão ocorreu porque ele retornou ao local sem a autorização da Funai.

A retirada de pessoas da região dos ianomamis não se restringe, no entanto, aos membros de missões religiosas. A Funai está tentando, com o auxílio da Aeronáutica, remover os cerca de 150 garimpeiros que se insta-

laram em área indígena, ilegalmente. Esse trabalho, segundo Romero Jucá, está sendo dificultado pela falta de transporte para realizar a operação. Ele reconheceu, também, a existência de grupos armados de garimpeiros o que coloca em perigo a ordem que, por enquanto, é mantida na região.

O presidente da Funai anunciou, ainda, uma série de medidas para tentar impedir a atividade de garimpeiros. "Vamos fechar todas as pistas clandestinas de pouso que foram abertas na região e determinar o fechamento dos garimpos, conforme prevê o artigo 44 da Lei n° 6.001/73, que proíbe essa atividade em área indígena", disse Romero Jucá.

"Proibição, um impasse para Igreja"

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O bispo de Rio Branco, d. Moacyr Grechi, afirmou ontem que a Funai criou um impasse com a Igreja ao proibir o ingresso de representantes do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) em áreas indígenas, acrescentando que o órgão "não pode ficar à mercê da Funai".

Para analisar esses problemas, d. Moacyr informou que os bispos da Região Norte e o Cimi estarão reunidos em setembro para discutir o que está acontecendo e que caminhos deverão ser seguidos. Para ele, a situação "é desgastante", mas a Igreja acredita que essas expulsões não refletem o pensamento do governo, mas de apenas algumas áreas.

O líder do PT, Luís Ignácio Lula da Silva, foi ontem à CNBB levar a solidariedade do partido ao presidente da entidade, d. Luciano Mendes de Almeida, em razão das denúncias de envolvimento do Cimi num complô internacional para restringir o exercício da soberania nacional sobre as terras brasileiras.

Lula disse ter sugerido a d. Luciano que a CNBB e a OAB convoquem os representantes sindicais e o maior número possível de constituintes para uma reunião onde se trataria da questão.

Padres fora da terra indígena

Padres e missionários já começaram a ser retirados das áreas indígenas de Roraima, seguindo determinação do presidente da Funai, Romero Jucá. O problema agora é com os garimpeiros, que também devem sair da região onde têm ocorrido os conflitos com os ianomânis. A Funai quer forçar a retirada cortando o suprimento dos garimpeiros, mas a Secretaria de Segurança não concorda com isso.